

IMAZIGHEN DE MARROCOS: IRÁ TRANSFORMAR-SE A QUESTÃO DA IDENTIDADE BERBERE NUMA QUESTÃO POLÍTICA?

Susana Bagulho Guerra

Mestranda de Relações Internacionais com Mundo Árabe e Islâmico

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

20364@ufp.edu.pt

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO: GUERRA, Susana Bagulho - Imazighen de Marrocos : irá transformar-se a questão da identidade berbere numa questão política? **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502. 6 (2009) 220-228.

RESUMO

Os berberes, ou Imazighen, na sua língua, são o povo mais antigo do Norte de África, com uma contribuição essencial na história e independência de Marrocos, uma cultura e língua próprias. Considerando que tal contribuição nunca foi reconhecida, sentindo-se como que cidadãos de segunda classe, desenvolveram um movimento de auto-consciência da sua identidade. Esse movimento encabeçado por um manifesto é considerado por muitos como uma politização das suas reivindicações. Procura-se neste texto uma visão global da questão, de modo a compreender as suas origens e desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE

Imazighen – Movimento Berbere – Manifesto Berbere

ABSTRACT

The berbers, or Imazighen, in their own language, are the oldest inhabitant of North Africa, with a crucial contribution to the history and independence of Morocco, a culture and language of their own. Considering the non recognition of their value, they feel as a second class citizen, and have developed a movement of self-consciousness of their identity. That movement has been spearheaded by a Manifesto and has been considered as a politic movement. In this text we try to give a global view of the question, in a way we can understand their origins and development.

KEYWORDS

Imazighen – Berber movement – Berber Manifest

1. INTRODUÇÃO

El pueblo berber, señor y dominador del Sahara, es también el protagonista principal de la historia del Magreb, cuyas vicisitudes há sufrido su própria gente sin que por mucho tiempo se hayan reconocido sus innegables aportaciones a lo que hoy es el África musulmana. (Lopez, 1998).

Em Marrocos, e no geral, no Norte de África, as constantes tentativas de arabizar os berberes, por parte do Estado, constituem uma constante discriminação e negação de uma identidade cultural distinta (a cultura Tamazgha).

A partir dos anos 90, os berberes passaram a designar-se por *Amazigh* (*Imazighen* no plural), uma palavra berbere (mais precisamente *tamazight*) para referir os falantes de berbere, oriundos dos vários Estados do Norte de África, aos quais alguns activistas se referem como *Tamazgha*. “Berbere” é uma palavra árabe que tem uma conotação negativa, com o sentido de bárbaro (Crawford e Hoffman, s/d).

A Arabização é uma negação de um direito fundamental dos berberes, que vêm o *Tamazight* preterido em função do árabe.

2. BREVE RESENHA HISTÓRICA

A região do Norte de África foi ocupada pelo Fenícios, Romanos, Bizantinos e Árabes.

A influência europeia chegou a Marrocos no século XVI quando os portugueses construíram um assentamento em Mogador (hoje conhecido como Essaouira). Marrocos, ao contrário dos seus países vizinhos que foram ocupados pelo Império Otomano, manteve-se independente por mais de um milénio (Dana e Dana, 1998).

A situação alterou-se em 1912 quando Marrocos caiu oficialmente sob um protectorado franco-espanhol, face a um pedido do Sultão de Fez, que se viu cercado pelas tribos berberes do Médio Atlas. A França entrou em Marrocos para proteger o Sultão e declarou guerra aos berberes. Em 1914, a resistência berbere comandada por Muha U Hammu Azay venceu a batalha de Lehri. Em 1921 as forças berberes do Norte, lideradas por Mohammed Abde-Ikrim El Khattabi venceram a mais famosa batalha contra as tropas espanholas. Tal permitiu a libertação do RIF (Tamazgha, 2003).

Em 1956, Marrocos readquiriu a independência e o Sultão sidi Mohammed Bin Youssef tornou-se no Rei Mohammed V, sucedendo-lhe em 1961 Hassan II. As alianças do sultão Muhammad V com notáveis berberes foram decisivas para a independência de Marrocos. Após a independência, essas relações foram postas em causa e alguns berberes revoltaram-se contra a administração central, pois a monarquia marroquina, afirmou fortemente a arabização e islamização de Marrocos (o árabe foi a única língua a ser oficialmente reconhecida, e a arabização e islamização, os únicos termos de identificação citados em textos oficiais) (Crawford, 2005). Na zona Rif tais revoltas foram cessadas por meio de violência. Nas zonas rurais a situação era diversa. Os berberes rurais constituíam uma componente pro-monárquica muito importante, permitindo a consolidação do poder, da sua posição enquanto autoridade suprema e infalível. O monarca sempre defendeu uma identidade nacional, na

qual os berberes se incluíam. Para reforçar essa mensagem de inclusão, Hassan continuou a tradição familiar casando com uma mulher berbere (Weitzman, 2001).

Em face da curta ocupação, a ocidentalização não provocou efeitos em Marrocos, que até hoje mantém importantes diferenças demográficas e culturais no seu interior.

O pluralismo estrutural de Marrocos permitiu a cada comunidade étnico-cultural reter a sua respectiva língua e valores culturais (Dana e Dana, 1998)

3. QUEM SÃO OS BERBERES/IMAZIGHEN?

Os berberes identificam-se primordialmente pela língua, mas também pelos seus tradicionais costumes e cultura. Há uma tendência em identificá-los de retrógrados, pelo facto da sua cultura ter um maior impacto nas áreas rurais menos desenvolvidas, onde a maioria das crianças desiste da escola por não entender árabe, a língua de ensino.

Representam os habitantes mais antigos do Norte de África que nunca foram totalmente absorvidos pelos povos colonizadores. Diz-se que muitos berberes foram viver para as montanhas do Atlas em consequência da desertificação do Saara. A abundância de água nessas montanhas permitia a pequenos agricultores o cultivo e a criação de cabras e ovelhas, que produziam leite, carne e dinheiro. Apesar de a economia ser capitalista, a cultura dá importância à casa de família, pelo que se ajudam mutuamente sempre que é preciso. As aldeias típicas berberes têm um armazém comum. Na esfera da vida berbere dá-se ênfase à subsistência, e a sociedade retém a estrutura tradicional com fortes laços familiares e importância dada ao clã. Os familiares revezam-se na guarda dos animais. O tamanho do rebanho indica a condição económica, pois a criação é a fonte de alimento. As transacções comerciais são efectuadas em função das relações pessoais, e não da política de preços ou publicidade. Os preços são negociados entre vendedor e comprador (Dana e Dana, 2008).

Os berberes marroquinos podem ser divididos em três blocos linguísticos: as montanhas do Rif, o Médio Atlas e as montanhas do Sul¹. Apesar das alterações resultantes da migração, grandes comunidades de berberes mantêm-se no Marrocos rural. O *Tarifit* é falado nas montanhas do Rif, a norte, o *Tamazight* é falado no Médio Atlas e o *Tachelhit* é falado desde o Alto Atlas a sul de Marraquexe até ao Anti Atlas². Há alguns árabes nessas regiões assim como berberes fora delas, sendo que muitos são bilingues. A descontinuidade espacial dos berberes marroquinos e a sua associação regional em subgrupos linguísticos resultou em importantes diferenças. O Rif tem um envolvimento mais próximo com a Europa que outras áreas, e apesar dos berberes do Rif não possuírem nenhum monopólio no negócio da droga, o facto é que vivem numa área onde a produção de marijuana é a maior força comercial e o tráfico tem sido um *modus vivendi*. Relatos do Médio Atlas dão conta de uma economia

¹ Linguisticamente o berbere pertence ao grupo afro-asiático e tem muitos dialectos. Em Marrocos os três principais dialectos são o Tachelhit, Tamazight e Tarifit. (vide <http://www.al-bab.com/arab/background/berber.htm>).

² Segundo dados consultados em http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=sh, referentes ao ano de 1998, são 1500000 os falantes de Tarifit em Marrocos, dum total de 1700000 em todo o mundo, são 3 milhões os falantes de Tamazight em Marrocos, dum total de 3150000 em todo o mundo, e são 3 milhões os falantes de Tachelhit em Marrocos.

que se mantém centrada no pasto e agricultura de subsistência. Os berberes desta zona são famosos pela sua organização tribal segmentária, governação igualitária que se abstém de uma autoridade central e que se aguenta até hoje. Os berberes do Alto Atlas vivem na sua maioria em vilas com menos de quinhentos habitantes, separadas com alguma distância por rios que servem para irrigação. O assentamento do Anti Atlas também tende para a existência de vilas afastadas dos rios, quer porque não há confiança nas suas águas para irrigação, quer porque as montanhas por si só não são suficientes para a sua protecção de invasores. O Alto e Médio Atlas continuam regiões verdadeiramente pobres de agricultores. As aldeias funcionam como unidades económicas. O sul é caracterizado pelo aumento de emigração para as zonas urbanas.

Em suma, as comunidades rurais berberes assumem várias formas, desde as herdades isoladas no Norte, às vilas densamente populadas no Alto Atlas, ou vilas do sul que subsistem como ícones culturais. Um grande número de berberes é hoje em dia urbano, com especiais comunidades em Casablanca e Agadir. As interacções dos berberes urbanos com as suas complexas e diferentes terras natais evidenciam a riqueza da sociedade berbere que não pode simplesmente ser esboçada como algo oposto à cultura árabe (Crawford, 2005).

4. AS ORIGENS DO MOVIMENTO AMAZIGH

Meio século após a independência de Marrocos surgiu um movimento de auto-consciência linguística e cultural entre os falantes de berbere, que tem aumentado apesar da diminuição do número de falantes. Tal facto encontra explicação na preocupação em preservar uma cultura e uma tradição que se encontram em risco de desaparecer. Com o tempo o uso da língua berbere resume-se às quatro paredes da casa, ou nas relações sociais íntimas. Muitos berberes vêem-no como um instrumento de comunicação inferior e inadequado à vida moderna, enquanto outros procuram enaltecer a sua utilização e lutam contra a sua marginalização face ao árabe.

O primeiro movimento activista berbere ocorreu em 1991 quando seis associações denunciaram a sistemática marginalização da língua e cultura *amazigh*, declarando a intenção de promover a instituição constitucional do *Tamazight* como língua oficial paralela ao árabe, a integração da língua e cultura *amazigh* em várias áreas de actividade, designadamente escolas e meios de comunicação. Em 1993, durante a Conferencia Internacional de Direitos Humanos em Genebra, várias Associações berberes publicaram um memorando onde denunciaram a política de assimilação forçada contra os berberes, a sua identidade, cultura e língua (hoje existem cerca de 48 associações berberes reconhecidas).

Em Março de 1994 alguns activistas endereçaram uma carta ao primeiro-ministro marroquino pedindo o reconhecimento oficial da língua *amazigh*. A 1 de Maio desse mesmo ano, durante a marcha do dia do trabalhador, alguns activistas berberes manifestaram-se contra a dominação árabe em Marrocos e sete foram presos, acusados de distúrbios da ordem pública e ameaça à integridade do Estado. Quatrocentos advogados foram voluntários para os defender. O mundo centrou-se em Marrocos e este estava preocupado em melhorar a sua imagem no exterior, particularmente no campo dos direitos humanos. Seguidamente o primeiro-ministro Abdellatif Fillali anunciou a intenção de iniciar a emissão televisiva em dialecto berbere, o que aconteceu pouco tempo depois. Do mesmo modo surgiram alguns jornais nos três principais dialectos berberes, assim como emissões de rádio.

O Rei Hassan, defensor do berbere enquanto parte integrante da identidade marroquina, emitiu em 1995 um decreto real autorizando as mudanças curriculares que permitissem o ensino da língua berbere nas escolas públicas. No entanto, em 1996, um *dahir* (édito administrativo) veio proibir o uso de nomes próprios em *Tamazight* ou qualquer outra língua que não o árabe, e nota-se uma aceleração da arabização dos nomes das cidades, vilas e paisagens geográficas, na sua maioria de origem berbere (Weitzman, 2001).

Em Agosto de 1997 o Congresso Mundial Amazigh reuniu-se pela primeira vez nas Ilhas Canárias, onde 350 delegados se encontraram com o objectivo de preservar a identidade, a cultura e a língua *Amazigh* (Crawford e Hoffman, s/d).

Se por um lado a casa Real demonstrou algum interesse pelo assunto ao criar o IRCAM (Institut Royal de la Culture Amazigh),³ nos termos do *dahir* de 17 de Outubro de 2001, por outro lado, o Rei não hesitou em fazer uso dos seus métodos persuasivos para controlar os activistas berberes, a quem foi proibido todo o tipo de manifestação pública sob pena de julgamentos penais (Tamazgha, 2003).

Por fim, em Setembro de 2003, o Governo permitiu o ensino da língua berbere em mais de 10 % das escolas de Marrocos e em Junho de 2004, o alfabeto *Tifnagh* foi reconhecido pela organização internacional ISO.⁴

5. O PROBLEMA DA POLITIZAÇÃO DA QUESTÃO DA IDENTIDADE BERBERE

O povo berbere, sempre apegado às suas tradições, ao seu marco geográfico e à sua organização igualitária, opôs uma resistência tenaz à invasão árabe, do mesmo modo que havia resistido aos dominadores anteriores. Os berberes com as suas fortes tendências democráticas e o seu sentido de igualdade, suportavam com relutância verem-se relegados para muçulmanos de segunda categoria, com a obrigação de pagar tributos enquanto fiéis, prestar serviços menores, e sem a possibilidade de aceder a postos de responsabilidade, apesar de formarem o grosso dos exércitos que conquistavam os territórios para os árabes. A estes era reservada a classe aristocrática que conduzia as engrenagens da administração e do poder, que, com isenção fiscal, controlava os recursos económicos sem os partilhar com os povos submetidos. As reacções dos berberes eram contra esta aristocracia privilegiada e não contra a doutrina muçulmana. A tradicional aristocracia árabe perpetuou-se no poder e com ela negociou-se a descolonização e o nascimento dos Estados actuais sem ter em conta os direitos históricos dos berberes do interior. A sua língua foi marginalizada em favor do árabe e do idioma do colonizador, que foram declarados oficiais (Lopez, 1998).

³ Este Instituto foi criado com o objectivo de introduzir a língua Amazigh no sistema educacional marroquino. Inicialmente foi necessário escolher entre três possíveis scripts: latino, árabe ou tifnagh, tendo-se optado por este último (Tamazgha). A dificuldade em implementar o Tamazigh nas escolas prende-se com o facto de existirem diferenças regionais nas pronúncias, e a ausência de uma forma universal de escrita (Crawford, 2005). O Instituto conta com um site na Internet (www.ircam.ma) através do qual é possível a aprendizagem do alfabeto tifnagh, efectua estudos n âmbito da escrita tamazigh e tem várias publicações (desde boletins a produtos multimédia). De destacar uma biblioteca com inúmeras teses sobre os Amazigh.

⁴ International Organization for Standardization.

“What has made Berberness political has been Arab resistance to seeing Berbers as a valid part of North African culture and society, but the Maghreb states and their Arabist ideologues have not been the only problem.”(Crawford, 2005, pp. 178).

Os islamistas viam o movimento berbere como uma ameaça ao seu programa de islamização da sociedade marroquina. O seu líder, Abd al-Salam Yasin afirmava que o reviver amazigh tinha tomado proporções políticas e fazia parte de um esforço ocidental de fragmentar o Islão. Reconhecer o Tamazigh como língua oficial seria uma blasfémia para o Corão e Alá (Weitzman, 2001).

O movimento cultural Amazigh é um fenómeno com uma exigência nuclear clara: a afirmação por parte das autoridades estatais do Norte de África, Europa Ocidental e América do Norte, da existência do povo Amazigh como uma colectividade e de uma terra berbere definida como Tamazgha, que se estende desde o deserto do Egipto às Ilhas Canárias. Em termos práticos a sua exigência nuclear é o reconhecimento do Tamazigh como língua oficial dos Estados do Norte de África e quanto às políticas educacionais, sociais e económicas, a rectificação das injustiças infligidas aos berberes durante as eras coloniais e da independência.

O Manifesto Berbere, escrito por Chafik (com 79 anos), foi um extraordinário documento assinado por centenas de intelectuais berberes marroquinos (Weitzman, 2006). Veio relembrar a importância do povo berbere na história e consolidação do Estado Marroquino independente. Exige a discussão da questão berbere à escala nacional, o reconhecimento da língua *Tamazigh* como língua oficial constitucionalmente reconhecida, a tomada de medidas que favoreçam o desenvolvimento das áreas dominadas pelos falantes de berbere, o ensino do *Tamazigh* nas escolas, institutos e universidades (assim como criação de um instituto científico capaz de codificar a língua e preparar instrumentos pedagógicos necessários ao seu ensino), a reconsideração da História de Marrocos que é ensinada às crianças nas escolas, o uso da língua *Tamazigh* em instituições públicas (incluindo aqui hospitais, órgãos administrativos, tribunais), a reabilitação da arte *Amazigh*, a cessação da arabização dos nomes *Amazigh*, e o apoio às Associações *Amazigh*. O Manifesto tem o cuidado de incluir no seu final uma nota explicativa das suas intenções para evitar dúvidas ou interpretações tendenciosas. Nessa nota faz-se uma chamada de atenção para o facto de que, enquanto berberes, os subscritores do Manifesto consideram-se irmãos dos árabes e parte de uma mesma Nação, e que acreditando que a diversidade é enriquecedora, têm consciência da necessidade de uniformização. Terminam afirmando que acreditam numa civilização universal capaz de integrar todas as contribuições da humanidade.⁵

A identidade étnica e cultural necessita de ser enquadrada numa personalidade amazigho-árabe. Abandonar ou negligenciar os aspectos *amazigh* da identidade marroquina é um ultraje, uma mutilação das suas personalidades (Weitzman, 2001), assim como o esquecimento dos *Imazighen* nos livros de história, a indignidade do *Tamazigh* estar relegado para o estatuto de segunda classe, e o facto de não ser permitido dar nomes *amazigh* aos seus filhos (Crawford, 2002).

Não é possível compreender as manifestações culturais da consciência berbere sem referências ao contexto onde as mesmas ocorrem. As cidades marroquinas estão repletas de

⁵ Vide <http://www.mondeberbere.com/societe/manifest.htm>

berberes e algumas montanhas marroquinas são exclusivamente berberes. Seriam esses pobres das zonas rurais, os afectados pelas alterações educacionais operadas com promessas da criação do IRCAM, uma vez que essas zonas se mantêm como quase exclusivamente de língua berbere. Se os Berberes rurais se virem como um grupo desproporcionalmente desfavorecido e empobrecido, poderá emergir uma política radical berbere (Crawford, 2005).

São os berberes urbanos que procuram os seus direitos numa sociedade dominante (Dana e Dana, 2008), que se debatem na luta pela identidade berbere. "...only Imazighen who live in alien linguistic environment could need, want or even understand such confirmation."(da identidade berbere)(Crawford, 2002, p. 64). Esta discussão tipicamente urbana, reservada a algumas elites, é vista como externa à realidade sócio económica da maioria dos falantes de berbere, que se encontram nas zonas rurais.

Os activistas sustentam que a supressão do berbere a favor do árabe, quer de forma explícita no sistema educacional, quer de forma implícita nas interacções sociais, nega aos falantes de berbere os seus direitos constitucionais básicos, como o acesso à educação e a cuidados médicos. Uma estimativa de 40 a 45% da população marroquina fala uma variante do berbere como sua língua materna ou única língua, e 50% dessa mesma população está categorizada como rural. Presumivelmente há uma sobreposição destes dois grupos estatísticos (Crawford e Hoffman, S/d).

6. CONCLUSÃO

A incorporação das tribos berberes no domínio islâmico não foi pacífica. Apesar disso, o Islão acabou por se tornar numa parte central das suas identidades colectivas e individuais, e as dinastias berberes até expandiram as regras islâmicas pelos largos trilhos do território do Norte.

Linguisticamente o árabe propagou-se gradualmente não só pela disseminação e institucionalização do Islão, mas também pela chegada de tribos árabes do leste.

Face à globalização, estimulou-se a elaboração e aceleração de uma identidade étnico-política específica dos berberes/amazigh face a autoridades estatais e movimentos islamistas oponentes.

O não reconhecimento oficial da sua língua, e da sua importância histórica, no quadro sócio-político marroquino despoletou um sentimento de desprezo e humilhação na comunidade *amazigh*, que cedo se juntou para denunciar a violação dos seus direitos fundamentais. A promoção da cultura berbere parece louvável para quem acredita que a expressão cultural e linguística é um direito humano fundamental.

No entanto, a questão berbere apesar de ter assumido uma faceta universal, não é entendida de igual forma por toda a comunidade *amazigh*. Conclui-se que a questão alcança o seu expoente máximo nas zonas urbanas onde se concentram as elites, os intelectuais, onde a existência de outras línguas realça o papel secundário dado aos *amazigh*, e em consequência ao *Tamazight*, e são confrontados com a arabização. Nas zonas rurais, onde se concentra a grande maioria dos berberes a questão da identidade berbere não se coloca do mesmo modo, pois se por um lado há vilas exclusivamente berberes, não conhecendo outras realidades, por outro, as suas preocupações não englobam tal diferendo. Sucede porém, que

é a pensar nessas zonas e seus habitantes, que muitos dos activistas berberes se debatem nos círculos urbanos. Lutam para que tais habitantes tenham melhores condições de vida, análogas à dos seus compatriotas árabes, e para que a única língua que muitos falam seja oficialmente reconhecida, permitindo-lhes alcançar níveis superiores de alfabetização. O movimento berbere em Marrocos não atingiu a dimensão política da vizinha Argélia. É apenas um movimento de luta pela sobrevivência de uma cultura, de uma tradição, de uma história e principalmente de uma língua, em vias de extinção. Nos últimos anos as associações *amazigh* cresceram exponencialmente e as suas reivindicações obtiveram ecos positivos da parte da casa real. A criação do IRCAM e seu desenvolvimento revelam-se de grande importância para o reconhecimento da língua e cultura *Amazigh*.

BIBLIOGRAFIA

ESTUDOS

- CRAWFORD, D. E HOFFMAN, K.** (s/d). Essentially Amazigh: Urban Berbers and the Global Village In: *The Arab-African and Islamic World: Interdisciplinary Studies*. New York. Kevin Lacey.
- CRAWFORD, D.** (2002). Morocco's Invisible Imazighen In: *The Journal of African Studies*, Volume 07, n.1 (pp. 53-70).
- CRAWFORD, D.** (2005). Royal Interest in Local Culture: Amazigh Identity and the Moroccan State In: Shaltzmilller, M. (Ed.). *Nationalism and Minority Identities in Islamic Societies*. Montreal. Mc Gill-Queen's University Press, pp.164-194.
- DANA, L. E DANA, T.** (2008). Ethnicity and entrepreneurship in Morocco: a photo-ethnographic study In: *Int. J. Business and Globalization*, Volume 2, nº3, pp. 209-226.
- LOPEZ, J.** (1998). Mundo Negro In: *Boletín Azar*, n.2.
- TAMAZGHA** (2003). *The Amazigh Issue in Morocco*. UN Economic and Social Council, Geneva.
- WEITZMAN, B.** (2001). Contested Identities: Berbers, "Berberism" and the State in North Africa In: *The Journal of North African Studies*, Volume 6, Issue 3, pp. 23-47.
- WEITZMAN, B.** (2006). Ethno Politics and Globalization in North Africa In: *The Journal of North African Studies*. Volume 11, nº1, pp. 71-84.

INTERNET

- The Berbers.** Disponível em <http://www.al-bab.com/arab/background/berber.htm> [Consultado em 06/04/2009].
- Institute Royal de la Culture Amazighe.** Disponível em <http://www.ircam.ma> [consultado em 08/06/2009].
- Monde Berbere.** Disponível em <http://www.mondeberbere.com/societe/manifest.htm> [consultado em 09/05/2009].